

# Srta. Acauã

JOSÉ MANOEL RIBEIRO

Editora Penalux  
Guaratinguetá, 2023



# 1

Os cheiros do café fresco e o do beiju recém-assado na lenha não combinavam de forma alguma com a atmosfera rançosa daquela manhã. Carmen estava com as trouxas amarradas e apenas esperava minha decisão. Mas quem disse que eu poderia tomá-la sozinho?

Dinda Leonor parecia nervosa e não parava de espalhar a massa e assar os beijus que seriam besuntados em mel. Quando cheguei à cozinha, as duas já estavam lá há tempos, conversando sobre não sei o quê enquanto lidavam com a comida. Pedi a benção da madrinha e esperei a aproximação de Carmen, mas ela se manteve a distância, me mirando da outra ponta da mesa, como se cobrasse de mim uma solução definitiva para a sua vida.

Cruzei os braços e os apertei com força contra o tórax. Tentei fixar a vista nela, mas logo desviei o olhar e diminuí a intensidade do aperto. Finalmente soltei as articulações frouxas no ar. Os punhos bateram duas vezes nas coxas e depois se acomodaram nas suas laterais. Agora o meu ponto de interesse era um ninho ordinário de pombas que se emaranhava entre duas telhas-vãs.

Carmen me vencia com facilidade, ela tinha o poder de moldar seu rosto plasticamente, a depender das circunstâncias, o que lhe dava um sutil e quase irresistível poder de coerção.

Dinda Leonor começou a resmungar de longe. Seus breves e bentinhos lindamente bordados, porém muito encardidos, pulavam acima dos seus seios e seguiam no balanço em obediência aos gestos dos seus braços roliços. Dizia coisas sobre crianças e maternidade; falava da virgem Maria e do menino-deus.

— Faça com que ela fique — disse a madrinha. — Daremos um jeito.

A galega apoiou-se no encosto da cadeira à sua frente com os dois cotovelos e, tendo as bochechas vermelhas contra as mãos fechadas, disse como se quisesse me condenar à sua presença:

— Espero um filho seu — Coff. Coff. Coff. — E é isso, Jorge Lopes.

E pôs-se a engulhar logo em seguida.

Minha madrinha correu para ajudá-la, limpou sua boca trazendo aqueles fios de vômito para as costas das mãos e ajudou-a a se sentar. Dinda Leonor estalou os dedos à altura dos olhos para me despertar do susto. Então partiu para o alto da ladeira onde meu pai costumava usar aquele fumo de Angola.

Teriam uma conversa difícil.

Não demorou muito e o mascate veio até a cozinha. Ignorou-me. Voltou-se para Carmen e expeliu um pedido de desculpas pela noite anterior, claramente forçado. O rosto semicoberto pela aba do chapéu de palha denunciava a sua má vontade para com a galega.

A despeito daquela vulgar encenação, Dinda Leonor colou as conchas das mãos — a cruz do rosário como pérola guardada — e as levou à testa de olhos fechados.

— Amém.

## 2

Quando vi Carmen pela primeira vez ela estava com Maria Dita. Sentadas em bancos baixos e pouco estáveis, mexiam tranquilamente com tecidos, agulhas e linhas, sem se importarem com o burburinho da rua: gôndolas rangendo, ganhadores e aguadeiros em algazarras, e os alardes das negras de cheiro inebriante com suas frutas amontoadas em cestos, e dos doces e pastéis em caixas de vidro sobre a cabeça.

Estendida à frente delas, uma esteira repleta de panos retangulares e bordados coloridos que estavam sob algumas pedras lisas e muito limpas que impediam o vento de levá-los.

Aquilo era uma novidade para nós.

Percebi que outros estudantes as olhavam também. E logo notei que o seu interesse estava justamente na força do vento que, vez por outra, levantava as saias das duas mulheres. Enquanto Maria Dita se incomodava e tentava prender a saia entre as pernas, desajeitada, Carmen ignorava a exposição como se suas roupas de baixo fizessem parte da indumentária principal, deixando-as assim, ao tempo, por minutos que pareciam eternidades excitantes para nós.

O professor Zequias Bravim, que presenciava conosco o “espetáculo inusitado”, disse que havia ali, sem dúvida alguma, uma espécie de “libertinagem disfarçada de alento fraternal”.

— A negra degenerou a branca pelo convívio, senhor Lopes — disse-me o doutor.

Após mais alguns segundos de silêncio analítico, continuou:

— Essa agora parece ainda mais à vontade nas exhibições que a mestra africana.

Olhei para o calçamento, sisudo, e resmunguei secretamente. O professor insistiu:

— E não estamos falando de uma dessas ciganas, hein, mas de uma cidadã branca com traços específicos, como fica fácil perceber.

E então os listou:

- A. Lábios carnudos e lascivos;
- B. Sobrancelhas grossas e um tanto selvagens;
- C. Olhos castanhos e oblíquos;
- D. Cabelos muito pretos e volumosos;
- E. Seios fartos e luxuriantes;
- F. Quadris avultados e provocadores.

Após fazer seu inventário anatômico licencioso, o renomado professor de fisiologia me puxou pelo braço, pedindo passagem para os colegas de ofício, pois teríamos aula em alguns instantes.

— Venha, senhor Lopes, venha.

### 3

Às vésperas do Natal de 18\*\*, Rica Lopim subiu a ladeira de São Francisco de Paula batendo vara em regozijo pelas postas de bacalhau negociadas, horas antes, nalgum trapiche do porto. Não estava exatamente feliz, mas sentia-se vingado. Há muito não passava a perna em um espanhol.

O peixe foi preparado à moda dos Açores.

Sempre que podia, Dinda Leonor tentava simular a quentura da terra vulcânica com o rescaldo imprevisível da lenha consumida pelas chamas daquela *boca-de-monstro* que cavaram no nosso quintal quase selvagem. A inclinação do terreno e a umidade do solo dificultavam muito o seu serviço e era comum, por conta das condições geológicas da cidade, o bacalhau de forno açoriano sair troncho, aquoso, e com pontos de cozimento bem distintos.

Dinda Leonor, minha madrinha e cuidadora — esse tipo débil de governanta não remunerada de famílias pobres —, que sempre fora ponderada com temperos e desculpas, daquela vez amaldiçoou a terra pensa da Bahia por tamanho desajuste culinário.



## 4

No dia seguinte àquela ceia azeitada, no início da tarde, Carmen Diaz bateu à nossa porta. Jorge Lopes! Jorge Lopes! Um sotaque inconfundível. Dinda Leonor foi atendê-la. E eu, logo atrás, apenas imaginando. Duas pequenas trouxas de roupa, uma no chão outra nos braços; vestido aciganado, azul-ferrete e amarelo; testa e rosto aguçados, fios de cabelo colados nos lábios, muito suor e pouca saliva; uma voz mascando um “Aqui vive Jorge Lopes?” em dialeto “blanquet” — um português salpicado de termos castelhanos que ela fazia questão de cultivar.

— Ingrato! Ingrato! *Perro* dos infernos! Queria me matar de preocupação e fome? — disse a galega enquanto me abraçava com uma força desproporcional para aquela situação.

No intervalo dos beijos ela socava minhas costas com uma das mãos.

Dinda Leonor fez um biquinho com os lábios finíssimos, emitiu um ruído ínfimo e me olhou como se dissesse “deixa ver só quando seu pai chegar”.



LIVROS ILUMINAM

---

Este livro foi composto em Granjon LT  
pela Editora Penalux e impresso em papel  
off-white 80 g/m<sup>2</sup>, em abril de 2023.

---